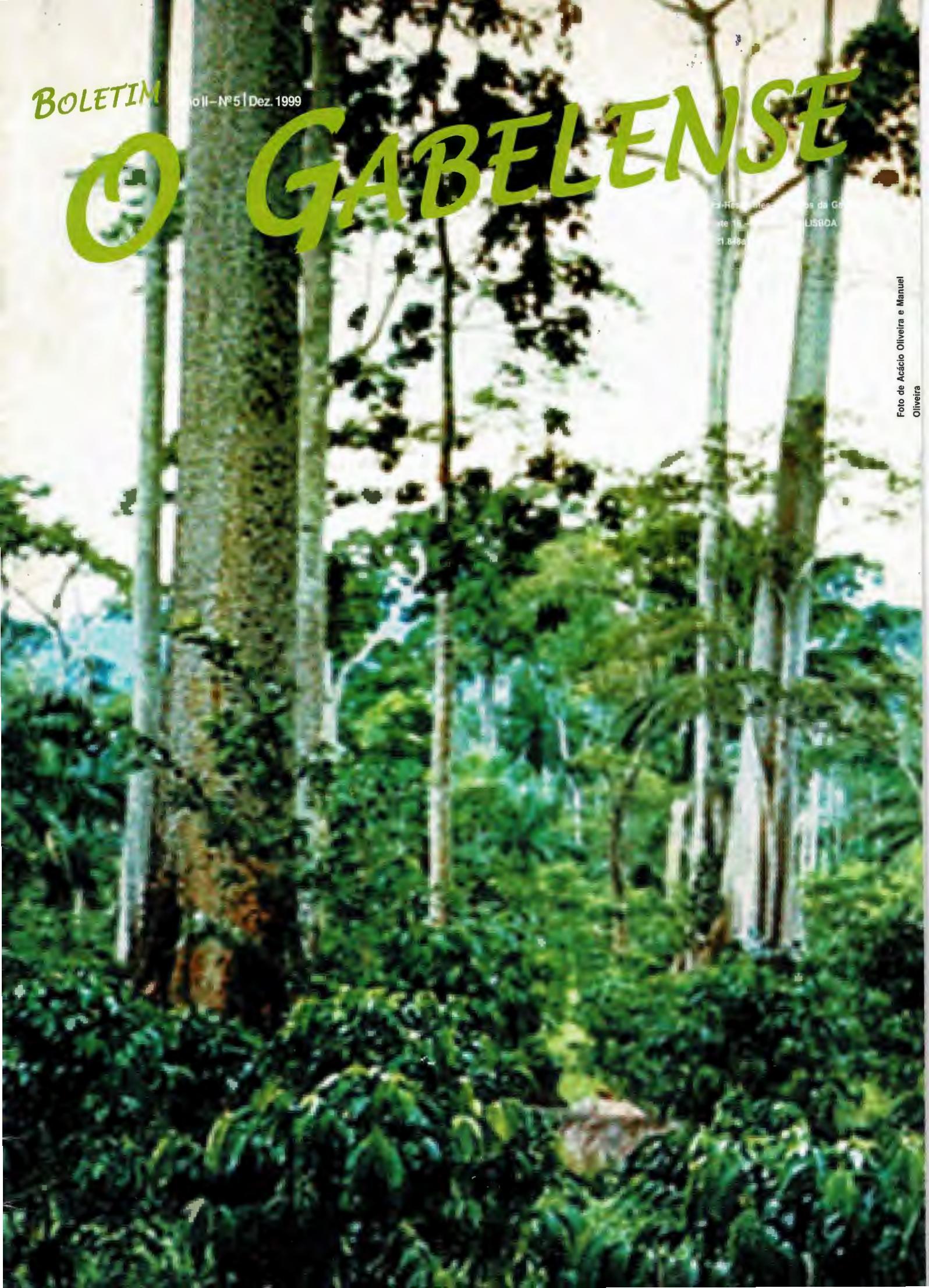


BOLETIM Vol II - Nº 5 | Dez. 1999

O GABELENSE

Associação Brasileira de Genética da Olericultura
ABRGOA
1.848a

Foto de Acácio Oliveira e Manuel
Oliveira



EDITORIAL

Não é sem receios, esperamos que infundados, que se caminha para o declínio do milénio, ansiosos por entrar no ano dois mil, que se anuncia virtuoso e de esperança, apesar dos vaticínios de calamidades no final do século XX.

Esperamos que os videntes se enganem...

Sucedem-se, contudo, as desgraças com guerras injustas e fratricidas, em que a força dos mais fortes esmaga a fraqueza dos pequenos e/ou minorias em lutas desproporcionadas; acontecem os desequilíbrios das forças da natureza com sismos e inundações destruidoras, tufões devastadores e/ou incêndios arrasadores, que criam o caos e o sofrimento pelo mundo, que parece querer desmoronar-se

perante a impotência do ser humano e das populações atropeladas, que sucumbem perante as catástrofes. Vale-lhes a solidariedade e a ajuda da comunidade mundial.

Queremos crer que o ano 2000 será a alvorada de todo este pesadelo, da compreensão, da justiça e da paz mundial em que os fortes apoiarão os mais fracos e desfavorecidos.

DESEJAMOS QUE ASSIM SEJA!

A Direcção

BOAS FESTAS!!!

Este NATAL, último do milénio, será o mais apetecido, comemorado, como pensamos, com as famílias todas juntas que, de certo, não perderão o ensejo de se reunirem para a passagem do velho para o NOVO ANO 2000 que desejamos seja de paz e de concórdia.

VOTOS SINCEROS DE UM NATAL FELIZ E QUE O ANO NOVO SEJA PROMISSOR PARA TODOS.

São os nossos votos sinceros.

A Direcção

Índice

O Ouro da Gabela	3
Cristina Sant'Ana Costa	5
Opinião – O Pragmatismo em nosso dias	6
Recordar é viver... ..	7
De Jeep a Bissau (3ª Parte)	10
Uma Homagem	16
Por Timor	17
O Fantasma do Aborto	18
Irmãos Castro em Cabo Verde	Última Página



FICHA TÉCNICA
Boletim
"O GABELENSE"

Propriedade : Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C – 1900 LISBOA – ☎ 21.848 23 23

Redacção : Todos os Gabelenses

Composição Gráfica e Paginação : Elsa de Almeida

Periodicidade : Semestral

O OURO DA GABELA

Nos anos 60 e 70 a Gabela conheceu um surto de progresso assinalável. A terra crescia, alindava-se e tinha já um aspecto de verdadeira cidade. Porquê? A que se devia esta explosão de modernidade? Sem dúvida, a um sagaz Presidente da Câmara, o malogrado Joaquim da Conceição Correia e a uma formiguinha muito trabalhadora e muito esperta, o secretário da dita. Felizmente! É deste senhor que vamos falar.

Por morte do anterior secretário - Dr. Beirão - entrou para o lugar o Senhor António Gonçalves Lopes Ferreira.

Conhecedor do meio (vinha da Fazenda como adiante explicaremos), Lopes Ferreira cedo tomou as rédeas do comando, sempre apoiado no seu grande amigo, o Presidente Correia, e impôs naquela casa os seus métodos, a sua disciplina férrea, sendo implacável na aplicação e cumprimento da lei. E os frutos vieram! Pouco a pouco, aqui e ali, via-se a obra crescer. Mas o que fez ele? E a esta distância quem se lembra? Eu ajudo. O edifício da câmara, a asfaltagem das ruas, a estação de tratamento de águas, o jardim, a luz (o fim do gerador), a piscina, o pavilhão polivalente, etc. etc.. Mas, claro, chamo a atenção de que não me esqueço dos seus superiores que estão na base destas obras; os Presidentes da Câmara e as respectivas Vereações. Tentarei explicar-me em termos castrenses; o



António Gonçalves Lopes Ferreira

presidente da câmara será o general comandante que determina a estratégia e a tática, a vereação será o estado maior que as aprova, o secretário será o general que as aplica no terreno. Além disto, é o próprio Ferreira que acentua a valia dos seus presidentes e vereações! Homem que reconhece o seu lugar e

sempre se deu bem com quem privava, tanto no trabalho como na sua vida particular.

E que mais? Donde veio?

António Gonçalves Lopes Ferreira nasceu em Aveiro, no décimo oitavo dia

oito. Foi ontem! Estudou no Liceu (dantes era assim que se chamava) José Estêvão até que um dia depois de um chumbo a duas cadeiras do 7º ano (final do curso complementar do liceu), triste e desesperado, deu ouvidos a um seu amigo governador de distrito em Angola e partiu. Partiu assim, de mãos vazias, levando às costas a zanga da família que não gostou nada, mesmo nada, da ideia. Lá foi de peito feito, preparado para a luta, tendo no olhar a esperança de melhor vida.

Julho de 48. O jovem Ferreira desembarca em Luanda, sem amigos ou conhecidos. Não tinha ainda 20 anos. Na mão, uma carta dirigida ao Dr. Manuel Figueira, Director dos serviços de Administração. Mais tarde vamos encontrar o aspirante interino do quadro administrativo Lopes Ferreira numa camioneta de carga (eram um luxo os transportes estatais), a caminho de Cangamba-Luso (onde raio é isso?).

Foi salvo pela tropa. Regresso a Luanda para se fazer homem. Foi um dos melhores períodos da sua vida. Vinte anos, em Luanda, xiii! Pois, Luanda, enfim Luanda.

Mas, acabou-se o que era doce! No seu regresso aos serviços foi colocado no Cuito-Canavale. Por alma de quem? Que é que eu fiz de mal? O indomável Ferreira não estava disposto a deixar-se enterrar vivo! Voz amiga aconselhou-o a mudar para a fazenda. E o sr. Clarimundo, chefe de secção de pessoal, por quem ele ainda hoje recorda com saudade, foi quem mexeu os cordelinhos

e lhe mudou a vida. Depois mandaram-no para o paraíso, quero dizer, foi directo para a Gabela. Era o Natal de 1949. Instalou-se na pensão do sr. Vieira. O sr. Vieira era mestre de oficina na Escola de Artes e Ofícios. Lopes Ferreira foi muito bem tratado como era norma da época, mas na terra não havia comodidades nenhuma. Chuveiro por exemplo, era um balde furado que lá ia deixando passar alguma água para lavar a alma. Valia ao nosso biografado, ser um homem benquisto e a gente daquele tempo ser uma gente de porta aberta, quero dizer, gente franca, amiga, sempre a convidá-lo para sua casa. Bom tempo esse! Do melhor da sua curta vida! E as noites eram passadas a jogar o burro americano nas traseiras do cinema ou no A.R.A..

Mas a vida continua e tempo não pára. Um dia, há sempre um dia, foi promovido e transferido para Santo António do Zaire. Foi bom ser promovido, mas o homem já tinha criado raízes e bebido água do Mazungue, tinha os seus pequenos interesses, enfim, estava irremediavelmente preso à terra. Conseguiu entrar de licença ilimitada. Foi então, como atrás explicamos, Lopes Ferreira entrou para a câmara. Fechou-se mais um ciclo da sua vida.

O povo da Gabela não o deixou ser Presidente da Câmara, vejam lá, por não querer perder um excepcional Secretário da mesma. Mal fazer por bem querer!

O prestígio e a capacidade deste aveirense, levou-o a Presidente da Associação Recreativa do Amboim onde deixou uma boa obra tendo fundado o

Boletim da A.R.A., o primeiro de um clube em Angola, facto muito felicitado pelas altas autoridades da então província.

Foi também licenciado como piloto de aviões. Uma vez que o seu Presidente e amigo tinha uma entrevista no Governo Geral, Lopes Ferreira prontificou-se a levá-lo de avião. A meio da viagem o motor começou a falhar. Vigiou atentamente os instrumentos e nada viu. À cautela aproximou-se do litoral onde teria as praias para o caso de uma aterragem forçada. Lopes Ferreira em vão procurava uma razão para as falhas. Joaquim Correia, muito calmo disse-lhe; oh Ferreira! Veja lá não me estrague o fatinho, pois ainda tenho que ir ao Governador! Então Ferreira deu com o gato; era necessário mudar de depósito de gasolina. Deu um suspiro que se ouviu em Cabinda! Chegados a Luanda foram almoçar, e meus senhores, o amigo Ferreira que comia como um leão, nesse dia comeu como três leões. Hoje, este destacado ceboleiro, vive na sua terra feliz rodeado de sua mulher e dos seus filhos, mas não parou, dirige a mais importante pedreira de Mouquim.

Esta é a história de um gabelense orgulhoso do seu passado e com muita esperança no futuro.

Francisco Nazaré

Cristina Sant'Ana Costa

UM MOTIVO DE ORGULHO PARA OS GABELENSES

Recebi por intermédio do Dr. Artur Neto Gonçalves, ex-Reitor do Liceu da Gabela, que faz o favor de ser meu amigo, um convite para estar na sessão de apresentação da obra *Murmúrios de Búzio* – Poesia, de Cristina Sant'Ana Costa, realizada no passado dia 17 de Outubro. Não foi possível estar presente, facto que muito lamento...

A autora, de nome completo Cristina Filomena Sant'ana Viegas de Ruivo da Costa Vaz, nasceu em Benguela, Angola. Estudou Medicina e actualmente frequenta uma licenciatura em Gestão. A infância e a adolescência foram passadas em contacto com a natureza da África misteriosa e pujante, onde descobre a escrita poética a partir dos 14 anos de idade. Durante os tempos de estudante publicou poesia em algumas revistas e no jornal do Liceu da Gabela onde estudou. É colaboradora principal do Jornal Amadora-Sintra e colabora em Poesia Angolense na revista "Angolé".

A descrição a que antes aludo, inserida na publicação "*Murmúrios de Búzio*", da Editorial Minerva, orgulha-me duplamente. Em primeiro lugar, por ter nascido em Benguela e vivido na Gabela, terras que trago no coração, e por nelas ter vivido e compartilhado da sua vivência nos anos 50 e 60.

Sem capacidade para mais, não resisto a transcrever o que, sobre a autora, Ângelo Rodrigues, Director do DNA da Editora Minerva, escreveu:

"Ouvir «*Murmúrios de Búzio*» é tranquilizar a Vida.

Cristina Sant'Ana Costa

Murmúrios de Búzio

Poesia



Editorial Minerva

Sabemos e sentimos que a Poesia é bem mais do que uma linguagem: energia cósmica que impele a procura de nós; trilho do Graal, mística, amor, paixão, algo sagrado. No poema, as palavras não são palavras, são «outra coisa» que tem a força e o sentido de uma oração a todos os deuses.

Fruir estes poemas-oração é como descansar serenamente – e por magia – sobre as águas do mar num dia calmo e ao crepúsculo.

Os búzios são mensageiros do Olimpo.

Quando criança, encostava um búzio ao ouvido e partilhava, assim, da exultação, segredos e encantos dos deuses e do Mar. Sei agora quanto um búzio pode conter da alma do mundo e que basta um simples e doce gesto de criança para celebrar a Eternidade e a Beleza.

Cristina Sant'Ana Costa é uma deusa-aprendiz, guardiã do oráculo que fala assim: «*Entra dentro de ti / (...) / Vislumbra o futuro, / Olha bem em frente / E rasga o caminho / Da tua verdade*»).

Silva Carvalho



Opinião

O PRAGMATISMO EM NOSSO DIAS

Lógica aristotélica *versus* lógica hegeliana

O que é, é; o que é, não pode ser e não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto; o que é, ou é ou não é. O princípio da identidade; o princípio da não contradição e o princípio do terceiro excluído informam, em termos sistemáticos e, pelo menos, desde Aristóteles até aos nossos dias, a lógica formal.

Em contraposição à lógica formal, depara-se nos a lógica material que encontra os seus mais lídimos sistematizadores, primeiro, em Hegel, depois, em Marx, que diz ter-se limitado neste domínio, a pôr o pensamento hegeliano de cabeça para cima, dado que, enquanto Hegel se identificava com o pensamento filosófico idealista, Marx, ao contrário, identificava-se com o pensamento filosófico materialista.

O que é, não é; o que é, pode ser e não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto; o que é, é e não é. É que, de facto, a realidade material está em mutação permanente. E, sendo assim, o que o é, já não o é; o que é, pode ser e não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto, porque logo em o sendo está a deixar de o ser; o que é, não tem de ser ou deixar de ser, porque é sempre possível o que é e o que não é confluírem numa terceira via, qual seja o da síntese dos contrários.

A concepção da vida e das coisas alicerçada na lógica formal leva a certezas e estas, nas relações entre pessoas, conduz à segurança, bem apetecível e tão caro à espécie humana.

Havendo certezas, é possível saber-se o que está a acontecer agora e, daqui, saber-se o que poderá acontecer amanhã, permitindo-se, assim, planear o futuro com um mínimo de segurança.

Se, ao contrário, o que está a acontecer agora já não está a acontecer, nunca se chega a ter certezas de nada e, por esta via, não é

possível prever para prover.

Há quem entenda que o futuro é uma incógnita e parece que o é, efectivamente. Ninguém será capaz de prever o que irá acontecer no instante que se seguirá a este. Portanto, para que é planear?!...

Daí, pois, o pragmatismo, no entendimento de que o que importa não é tomar como bom ou como mau o idealismo ou como bom ou como mau o materialismo. O que importa é tomar o idealismo ou tomar o materialismo, ou um e outro ao mesmo tempo, abstraídos dos princípios e dos valores de cada um consoante as circunstâncias se apresentem aqui e agora.

O melhor será, pois, fixar simplesmente objectivos. Depois, caminhar para eles sem o estabelecimento de grandes opções em termos de linhas de marcha, ou seja, sem o estabelecimento de qualquer estratégia prévia. À medida que se for caminhando vai-se fazendo o caminho, ora para frente, ora para o lado, ora para trás, ora para cima ora para baixo, agilizando pequenas opções em termos de linhas de marcha, ou seja, adaptando táticas consoante as circunstâncias se forem apresentando a cada momento e a cada instante ao caminhante rumo ao seu objectivo.

É, pois, assim, que hoje se fala tanto em gestão por objectivos.

É, pois, assim, que hoje se fala tanto em convergência dos sistemas;

É, pois, assim, que hoje se fala tanto na terceira via;

É, pois, assim, que hoje vemos o Direito em crise.

O Direito construía certezas através de leis abstractas e genéricas que eram univer-

salmente aplicadas a todos e a cada um.

Toda a gente sabia, à partida, com o que contar, quer optasse por cumprir quer optasse por não cumprir a lei.

Hodiernamente, pretende-se entender e fazer entender que as leis abstractas e genéricas não atendem os casos particulares - como o caso de Barrancos, como os casos das viagens fantasmas dos deputados da Assembleia da República Portuguesa - e que, por isso, poderão ser injustas. Nesta perspectiva, o facto de haver casos e casos importa que ao julgador seja conferido se não um poder arbitrário face à lei, pelo menos um lato poder discricionário que o aligeire do princípio da legalidade. princípio este que constituiu um dos grandes marcos, uma das grandes conquistas da família do Direito romanístico alcançada, aquando da Revolução Francesa, contra os abusos do poder arbitrário dos juizes.

Na perspectiva marxista, o progresso realiza-se por avanços e recuos, subindo em espiral e, conseqüentemente, a História repete-se, só que, sempre em planos superiores.

Por esse mesmo facto e com o pretexto de se pretender flexibilizar as estruturas para que mais facilmente se possam adaptar às realidades hodiernas, mais do que nunca em constante e permanente mutação, parece estarmos a pretender voltar à tentação dos poderes arbitrários - sendo, por certo, não só os dos juizes - ou em razão dos avanços e recuos do progresso ou em razão da repetição da História na sua subida em espiral na sucessão sucessiva de sucessos que se sucedem sucessivamente sem cessar", como íamos por aí dizendo naquele tempo do caprandanda do meu amigo Silva Carvalho.

Luís de Sousa

RECORDAR É VIVER...

Volta e meia dá-me para escrever e sempre quando está para sair o nosso Boletim, este, o último do milénio, o segundo semestre de 1999, que sairá pelo Natal, para entrarmos no ano dois mil. Vamos manter o Boletim, nosso elo de ligação, união dos gabelenses. Seria óptimo que todos colaborassem.

E é sempre de recordações, sem saudosismo, que me ponho a pensar nos bons e agradáveis tempos que passei em Angola, muito em especial na Gabela, onde permaneci cerca de sete anos, os melhores da minha vida, repartindo o meu tempo pelos afazeres profissionais, familiares e noutras ocupações de carácter social, desportivo e/ou lúdicas, procurando contribuir com a minha quota parte, para o desenvolvimento de uma terra que amei, a vi crescer, desenvolver-se e tornar-se cidade, à qual me afeiçoei de alma e coração, pelas profundas amizades que granjeei, que me ligaram a ela e aos jovens do meu tempo, a quem me dediquei e que tanto deram à sua terra, que me enaltecera e dignificaram como homem de bem e cujo orgulho ainda hoje permanece naqueles jovens que, hoje, como eu, também recordam a sua Gabela e o muito que contribuíram para o seu engrandecimento.

Considero isso um privilegio de que me regozijo e não me canso de enaltecer.

Quando cheguei, a Gabela era unia vila em crescimento. Sentia-se. Timidamente ia emergindo uma urbe que queria pontificar, na região do Cuanza Sul, como baluarte das terras do "ouro negro", do tão conhecido e afamado café do Amboim (na gíria café Amboim) um robusta cuja marca ultrapassou fronteiras, exportado como de primeira (extra) qualidade. Foi, aliás, ao café, que o Amboim e a Gabela ficaram a dever a fama, toda a sua prosperidade e desafogo económico e os tornou famosos nos mercados mundiais onde se transaccionasse o café, Londres em especial.

E não só. Também às suas gentes (colonos), agricultores e comerciantes, que se instalaram até aos confins do concelho do Amboim. Aos primeiros no desbravar e amanho das terras que cultivaram, criando as suas "roças" (fazendas) com plantações de cafeeiros em imensas áreas



Escola

lá, bem longe, em toda a região do concelho do Amboim; e os segundos com a criação de povoações comerciais, municinando e apoiando pequenos agricultores, com financiamentos (adiantamentos) e a compra (permuta) do produto das suas lavras (fazendas) e não só.

Assim surgiram grandes, médios e pequenos agricultores e/ou comerciantes que contribuíram para a ocupação e progresso da região do Amboim, onde pontificava a cidade da Gabela, como sede do concelho, deles sobressaindo grandes empresas como a CADA, Mário Cunha, Marques Seixas, Rocha & Coelho, Evaristo de Figueiredo e tantos outros na Quilenda, Quirimbo e Assango, postos administrativos que constituíam povoações do concelho do Amboim, para além da sede na Gabela.

Apoiada numa forte actividade comercial e num desenvolvimento permanente, a sombria vila da Gabela, sempre sob a acção dum "cacimbo" (nevoeiro) cerrado, característica das regiões cafeicultoras, depressa justificou a sua ascensão a cidade. Com ela a edificação dos Paços do Concelho no extremo da praça central, que foi embelezada com um bem arranjado parque

ajardinado, cuidadosamente tratado, com um espelho de água e repuxos, com uma airosa estrutura onde se instalou um salão de chá e pastelaria, ponto de encontro obrigatório e sala de visitas da jovem cidade.

Esta embelezou-se com novas e airosas edificações, novos estabelecimentos e edifícios públicos. Estou a lembrar-me do Tribunal e das novas casas comerciais modernizadas. Do Duarte & Martins, Aliança Comercial, Portugal & Sousa, Lambelho Vaz que, com as demais, Manuel Cerveira, Marques Nunes, Auto Reunidas, Batista Vaz; Londrina, Casa Lisboa e Carioca, Casa Nazaré, Angoma, Casa Americana, Irmãos Mesquita e tantas outras, constituíam o sustentáculo económico da Gabela, que tinha vida própria, onde se instalaram instituições de crédito (Bancos), para além do Banco de Angola (emissor), três hotéis, duas farmácias, diversos restaurantes, pastelarias, três padarias e talhos, quatro oficinas auto, uma recauchutagem, três fotógrafos e livrarias, joalharia/relojoarias, bombas de combustíveis com estações de serviço, duas cabeleireiras e barbearias para além de escritórios de importação/exportação, seguros, advogados,

Hospital



que constituíam a actividade económica numa área em permanente desenvolvimento e num progresso constante que, em pouco tempo, a tomaram numa cidade airosa, onde a qualidade de vida era evidente, começando a ser procurada e visitada por forasteiros que a visitavam, em períodos especiais, como a da floração dos cafeeiros, onde predominava o branco das suas maravilhosas flores que inundavam o ambiente de um perfume próprio ou na época das colheitas do café em que os cafeeiros se engalanavam com os seus bagos de fruto bem vermelhos vergados pelo peso para boas colheitas.

Constituindo um nó rodoviário, com bons acessos ao litoral norte ou sul, começou a Gabela a ser passagem obrigatória para os que viajavam de sul para norte, para Luanda a capital ou que, do Norte, demandavam o Sul de Angola, para Novo Redondo, Benguela Lobito, São da Bandeira ou Moçamedes, cujo deserto do Namibe era uma atracção e inolvidável de esquecer quando percorrido e visitado. Não esquecendo, no caminho, as cachoeiras da Binga, as praias do Quicombo e Morena, Baía Azul e Baía Farta e tantos outros locais para visitar como a Senhora do Monte, Tunda Vala e a Serra da Leba ou a Bala do Lobito e as plantações da cana de açúcar da Cassequel ou os bananais do Cavaco.

A Gabela dispunha de Hospital, uma Igreja (freguesia de Stª Isabel), Cartórios Notarial e de Registo Civil e tinha um Cinema - Cine Amboim -,

dois Clubes, o ARA e Sporting, com instalações próprias, responsáveis pelas iniciativas de carácter social que mantinham a população ocupada com divertimentos, para além das desportivas em que se mantinham envolvidos e nível distrital e provincial.

Para além de duas escolas primárias, Lua Cheia e Aricanga e diversos postos escolares, a cidade possuía uma Escola Preparatória, Escola Industrial, um Liceu e um Colégio particular - Colégio Infante Sagres, pioneiro do ensino na Gabela.

Para os períodos de lazer e quando os residentes não se deslocavam de férias para as praias de Novo Redondo ou de Porto Amboim ou mesmo para as de Luanda, a população jovem e não só dispunha de um parque municipal, com piscina, campos de ténis e parque infantil, atravessado a todo o comprimento pelo rio Mazungue, que era a delícia dos mais pequenos.

Longa seria a narrativa da história da evolução da cidade da Gabela, que tantos viram evoluir e contribuíram para a sua consecução, tanto mais que foi da iniciativa particular que ela mais beneficiou e ficou a dever o seu desenvolvimento. Sem pretender olvidar ninguém, o que seria injusto e tão somente lembrar alguns dos obreiros que deram um pouco de si e muito da sua boa vontade em prol da Gabela, destaco alguns que, neste momento me vêm à mente e ocorre salientar elogiando-os, nunca em detrimentos de

outros que se calhar, se me lembrasse e tivesse espaço, mereceriam também o meu destaque. Refiro-me, por isso a pessoas, que merecem a minha modesta homenagem, sem menosprezar outras que tanto ou mais pudessem merecer esta distinção:

JOAQUIM ANTÓNIO CORREIA, agricultor, técnico de máquinas de café, primeiro presidente (civil) a valer da Câmara Municipal da Gabela, antigo residente natural da Metrópole (como se dizia), por vezes contestado, que se dedicou de alma e coração a cidade nas suas funções, apoiando e dinamizando todas as actividades que se desenvolviam, acompanhando-as pessoalmente e favorecendo as iniciativas de interesse regional.

ANTÓNIO LOPES FERREIRA, secretário privativo da CMG. Antes funcionário de Finanças, um incontestado admirador da Gabela, onde constituiu família e desenvolveu actividade de interesse para a Gabela, para além das suas funções.

CARLOS DOS SANTOS SIMÕES, gerente da firma Mário Cunha, que apoiou as iniciativas tendentes a valorizar os interesses locais, dedicando-se a actividades desportivas, como grande presidente que o ARA teve e também no Aeroclube de que foi fundador e incontestável dinamizador.

ELIAS DA NAIÁ SARDO, secretário de Finanças e também um patrocinador que encabeçou todas as iniciativas que visassem o desenvolvimento da cidade, participando pessoalmente na ajuda às iniciativas para que era solicitado, nunca regateando o seu empenhamento pessoal em comissões que se organizassem para o efeito. Foi um dedicado cidadão da Gabela, para além de um profissional que granjeou prestígio na população.

IRMÃOS VALENTE, Adalberto e Fernando Valente, uns apoiantes incontestáveis de todas as iniciativas, de que foram muitas vezes virtuais iniciadores e percussores em especial em actividades desportivas no ARA. O primeiro como dirigente entusiasta e fundador do Aeroclube, de que foi dirigente e dinamizador. O segundo participante como atleta, um jogador de futebol de alta craveira e depois técnico (treinador) competente que muitas alegrias deu aos aficionados espectadores por galardões que conquistou para o ARA da Gabela, para além dos

campeonatos provinciais de futebol que disputou, guindando o ARA a lugares cimeiros. Também o mano António Valente, se consagrou como tenista de valor e dinamizados da modalidade com seu amigo Vergílio. Também o mano Ananias teve papel preponderante como dirigente desportivo no ARA.

JOSÉ BARRADAS, também um dedicado gabelense, vulgo Zé Barradas, que muito contribuiu na dinamização de acções, além de outras, desportivas, no Sporting, desde a construção da sede e actividades desportivas, apoiados por outro sportinguista, JORGE DE MAGALHÃES que levaram o clube na disputa de torneios a nível provincial e em Novo Redondo, eternos rivais, que se tornaram famosas e renhidos os encontros realizados e que tiveram o apoio, nunca regateado, dos gabelenses.

ANTÓNIO BROCHADO, vulgo enfermeiro Brochado. Um profissional competente, dedicado à população e aos seus doentes de quem granjeou autentica devoção, pela assistência que nunca lhes negou e sempre assistiu indistintamente. Foi um competente administrativo do Sindicato dos Empregados, como secretário privativo e responsável. Já mereceu distinção no nosso Boletim em que se enalteceu a sua convivência como cidadão da Gabela.

DR. JOÃO BEIRÃO, um homem de esquerda, com ideias diferentes de todos, que nunca escondeu as suas convicções. Foi acérrimo defensor dos interesses da Gabela causa que pôs acima das suas convicções ou ideologias, com

lugar de relevo no ensino, como professor e dirigente. Foi director da Escola Técnica, a quem a juventude muito ficou a dever e muito respeitou. A população em geral recorreu aos seus ilimitados conhecimentos como jurista, homem de leis, muito considerado por todos.

MANUEL ESTEIREIRO COUTO, o "tio Manel", uma figura carismática da sociedade gabelense, conhecido pela sua espontaneidade sempre em defesa dos interesses da Gabela, terra que muito amou e o respeitou.

XICO DA CADA, quem não se lembra dele? Um entusiasta, resmungão e sempre a barafustar. Defensor das iniciativas juvenis, apoiando-as diariamente, conduzindo o maxibombo da CADA, que trazia os alunos e os distribuía pelos diferentes estabelecimentos de ensino da Gabela. Incansável, o Xico era prestável, dedicado e amigo dos jovens que muito o estimavam.

FRANCISCO NAZARÉ, apenas Xico Nazaré para todos. Empreendedor de muitas iniciativas a nível desportivo no ARA, como porta voz através da publicação de notícias no jornal que publicava. Um carola entusiasta pelo Aeroclube, de que foi fundador, sócio e dirigente, mantendo-o activo e administrando-o, em apoio à população, como grande piloto e comandante que foi. Um verdadeiro profissional muito responsável.

ANTÓNIO BATISTA VAZ, reservei para final uma das figuras mais carismáticas da Gabela, que sempre admirei como anfitrião, representante dos interesses da Gabela, pelos cargos associativos que exerceu, Presidente da Associação

Comercial, em representação e defesa dos interesses da Gabela. Ancião incontestado, Batista Vaz foi uma figura de relevo na Gabela dos velhos tempos, terra que fez dela sua, muito contribuindo para o seu desenvolvimento, a par de outros, como ANTÓNIO GONÇALVES DE MAGALHÃES, antigo residente, também dirigente associativo, da Associação Agrícola do Amboim, onde se distinguiu na defesa dos interesses dos agricultores, António Coelho, Manuel Cerveira, Marques Nunes e tantos outros que deram o seu melhor pela Gabela, a que se dedicaram devotadamente como autênticos pioneiros e fundadores.

Seria infinda a lista das figuras notáveis que deram o seu melhor por uma terra onde se fixaram, constituíram família e fizeram dela a sua segunda terra, a terra de adopção, como colonos produtivos, empreendedores, incansáveis trabalhadores e vencendo todas as vicissitudes comendo, muitas vezes, como se dizia, o pão que diabo amassou.

Para eles vai, sem distinção, a minha prova de reconhecimento e muita admiração, pelo muito que fizeram pela terra onde também constituí família, nasceram as minhas filhas e à qual me afeiçoei, muito amei e continuo a ter imensas saudades. Àqueles que involuntariamente ignorei, sem intenção, rendo as minhas homenagens pelo muito que fizeram como obreiros de uma terra que construiram e que tanto orgulhou a todos.

BEM HAJA TODOS SEM DISTINÇÃO.

Silva Carvalho

Governo Municipal







DE JEEP A BISSAU

AS AVENTURAS DE UM GABELENSE

4ª PARTE

CARLOS FELGUEIRA



Um tractorista dum niveladora deu-me quarenta litros e a direcção de um primo numa aldeia próxima, onde arranjei o suficiente para encher o depósito. Punham os jerricans com um tubo de plástico enfiado em cima da cabine e chupavam com a boca, fazendo sifão para dentro do depósito. Isto impressionava-me porque em seguida lavavam a boca e a cara com areia. Assim, fiquei a saber que areia não serve só para lavar, tachos e pratos. Agora a paisagem começava a modificar-se. A Floresta africana começava a aparecer. Já ao anoitecer, um morro de salamá do tamanho do jeep fez-nos parar. Parecia uma escultura. Admirámo-lo e resolvemos jantar e dormir por ali. Durante a noite, deixámos a maleta da roupa no chão perto do carro. Quando de manhã fui pegar nela, o fundo desta e parte da roupa já lá não estavam. Tínhamo-nos esquecido que o salamá não perdoa.

Três dias depois de deixar Gao, por volta do meio dia chegávamos à capital do Mali, Bamako. Atravessámos novamente o Níger, mas desta vez numa belíssima ponte. Bamako tem dois bons hotéis. Optei pelo Grande Hotel. Mais barato que o outro mas tinha belíssimo serviço. À tarde, passeámos pela cidade, mandámos telegramas à família e entretivemo-nos a conversa com vários motoristas sobre o melhor trajecto para se chegar a Kíyes. A opinião de todos era unânime: tinha de ir por Niore do Sahell. Ao longo da linha do caminho de ferro era impossível. Mas antes tivesse ido. Mal sabia eu que me ia meter num autêntico inferno. O que até ali tinha sido uma aventurazita, um passeio, uma distração, ia ser, dali em diante, um desespero e um arrependimento total por me ter metido naquele sarilho. Uns simples 600 quilómetros que não quero que o meu maior inimigo os faça. No dia seguinte, muito cedo, arrancámos pela estrada nº 1,

conforme mapa do Mali, a caminho Didiani. Aí teria de deixar um desvio que ia para o norte, mauritania. Lá chegados, depois dum estrada de terra batida mas em bom estado, num mercado de frutas arranjei mais uns litros de gasóleo. Facto estranho; apesar de ser na candonga sempre ao mesmo preço: 240 CFA o litro. Falei com um velhote sobre a rota a tomar para chegar a Dienna. Disse-nos que mais à frente uns quilómetros, iria encontrar uma bifurcação e que tomasse a estrada da esquerda.

Será melhor levar um guia.

– Numa estrada tão boa porque vou levar um guia? Riu-se e mandou-me seguir.

Passados uns cento e sessenta quilómetros, nada de aparecer Dienna. Comecei a ficar preocupado. A bússola fixava-se mais vezes na direcção norte que noroeste.

– Carlos, havia numa chapa meia enferrujada, a uns quilómetros atrás, que me pareceu ter um quatro e não o número um.

– E só agora é que me dizes.

Nisto aparece-nos uma grande caravana de camelos. Estes pareciam-nos maiores que todos os que tínhamos vistos antes. Alguns traziam uns guarda-sóis seguros a uma espécie de sela. Deviam ser os dos chefes e das princesas. Que lindo espectáculo. Com uns turbantes e panos tão negros, só podiam ser Tuares. Dirigi-me a eles e perguntei por Dienna. Nenhum falava francês mas todos me indicavam sudoeste. Percebi então que estava perdido naquele emaranhado de pistas. Voltei para trás e um furo numa roda de trás ia-me fazendo virar a pandeireta. Um resto de segmento de motor enfiado no pneu. Parecia impossível, onde numa estrada todo o dia não tinha visto um carro, ir aparecer uma



peça daquelas. Enquanto minha mulher fazia o almoço, resolvi meter-lhe uma câmara de ar nova.

– Se temos outro furo, estamos tramados, pois não há força humana que consiga descolar este maldito pneu.

– Tem calma! Pensa um pouco e vais ver que consegues. Tens conseguido sempre.

De facto, a cabeça não serve só para pôr turbantes. Meti o macaco do carro entre o pneu já deitado e o pára-choques da frente e com três subidas e descidas o mesmo cedeu. À tardinha chegámos novamente a Didiani. Procurei no mercado o velhote que de manhã me tinha falado num guia. Este quando me viu, riu-se novamente.

– Eu não disse que era preciso um guia?



Arranjou-me um rapazito com os seus dezoito anos e seguimos. Uns vinte quilómetros andados, mandou-me seguir muito devagar para poder localizar o desvio. Viramos para uma picada no meio de uma floresta relativamente densa. Uns quilómetros à frente, começando a notar que os trilhos rasgados pelos camiões estavam a ficar muito fundos e o jeep começava a querer ficar pendurado, parei:

– Olha que o jeep não vai conseguir fazer trezentos quilómetros numa picada destas, disse eu para o guia.

– Não há outra para Niore. Tem de ser mesmo por aqui.

Parecia impossível que o mapa de Mali indicasse aquela estrada como sendo de primeira e nem sequer existisse.

Prosseguimos e mais à frente o carro ficou com as quatro rodas no ar, completamente pendurado pelos diferenciais. A minha sorte foi ter levado uma catana. O guia lá escavou por baixo; consegui sair e seguimos. Recomendou-me que seguisse pela direita das rilheiras. A princípio não percebi porquê. Ele não era burro; é que os diferenciais do carro são do lado direito e assim havia muito menos possibilidades destes ficarem presos. Por volta das 11 horas da noite e depois de várias cenas destas, resolvi parar o carro numa clareira, jantar e dormir. Emprestei um saco de dormir ao guia, este deitou-se ao lado de uma roda e passado pouco tempo já ressonava. Eu não conseguia dormir. O tum-tum dos tambores africanos a comunicarem de aldeia para aldeia

irritavam-me. Os comprimidos para dormir tinham-se esgotado. Lembrei-me que os holandeses me tinham dito que para aqueles lados ainda havia canibais. Seria que eles estavam a dizer que havia carne fresca a caminho? Para me meter num sarilho daqueles, teria endoidecido? Estava nestes pensamentos, quando oiço uma grande restolhada. O guia também batia à porta do jeep com grande nervosismo. Patron, patron les hyenes, les hyenes. Abri-lhe a porta e acendi as luzes do carro. Um fugiram a trote, com aquela deselegância que lhes dão as pernas traseiras mais curtas. Outras ainda vieram morder os pneus. Resolvi prosseguir viagem, mas com o guia meio adormecido, acabámos por nos perder do trilho principal. Ao amanhecer, fomos dar a um acampamento de tuaregs, onde ainda ardiavam as fogueiras à volta do círculo formado pelo gado. Estes, não falando francês, limitavam-se a indicar-nos Dienna para Oeste. O mapa indicava-me, por ali próximo, um grande lago com uma zona verde em toda a volta.

Este, de facto, apareceu-me pelas 10 horas da manhã, só que, em vez de estar a Sul, estava a Norte. Ao menos agora já sabia onde estava. Contornei-o e encontrei o trilho principal. Há uma hora da tarde estava em Dienna. Gratifiquei o guia, comprámos pão, arranjei mais gasóleo, almoçámos e seguimos a caminho de Niore do Sahell. Agora a estrada era outra, de terra batida, onde tinha passado uma moto-niveladora. Fizemos uma bela média até Niore. Aqui, arranjàmos água potável e seguimos para Kayes, a quatrocentos quilómetros. Disseram-me que havia lá um hotel e só pensar nisso dava-me coragem para tentar chegar lá ainda nesse dia. A estrada agora ia-se transformando noutro inferno, mas de outra espécie. Em vez de selva era pedra a seguir a pedra. À beira da

mesma, havia montes de 20 ou 30 metros de altura, formados por pedras esféricas do tamanho de uma bola de futebol. Aquele espectáculo extasiava-me a vista. Parecia impossível a natureza ter feito uma coisa daquelas. Com o cansaço e a angústia em que seguíamos, não nos lembrámos de uma fotografia. Por volta das onze horas da noite, o tal jeep, para minha admiração, chegava ainda inteiro de novo ao Niger. Do outro lado era Kayes. Como tinha vindo a guiar sempre em cuecas, resolvi tomar um banho e vestir umas calças e camisa para aparecer decente no hotel. Hotel não, espécie de hotel. O mesmo problema de Gao. Não havia água porque havia luz. O ar condicionado só soprava ar quente. Aqui, além do calor, havia mosquitos que não nos deixavam dormir. Muito cedo levantei-me e do alto do terraço inspecionei a cidade. Kayes é um entreposto ferroviário que no tempo dos franceses devia gozar de grande prosperidade. O "Hotel de La Gare" a quinhentos metros da estação, é rodeado de várias vivendas de tipo colonial. Fui inspecionar o jeep. Mais um pneu furado. Apareceu logo um empregado do hotel que nos levou a um técnico de pneus e, até que enfim, este tinha uma bomba de gasóleo. Prosseguimos a caminho da fronteira do Senegal. Já só faltavam cem quilómetros. A uns vinte era impossível passar. Uma ponte construída em cimento pelos franceses num rio seco tinha sido levada pelas enxurradas e nunca mais foi reconstruída. Desci ao leito deste e andei três quilómetros para sul à procura de um sítio onde pudesse subir e sair daquela garganta, mas era impossível. O reforço do jeep já tinha saltado fora por duas vezes. Se me avaria a caixa de velocidade, é que estou tramado! Pensava eu. Também não estava recuperado das 36 horas seguidas que tinha conduzido na etapa anterior. Tudo isto não me dava coragem para prosseguir.

Um senegalês que tinha subido com um camião de dois rodados traseiros ainda me disse, que se tivesse um cabo, me puxava. Estávamos nisto e vejo passar ao longe um comboio.

– Méliita, e se metêssemos o jeep no comboio? Voltámos a Kayes e fui falar com o chefe da estação.

– Quando há comboio para o Senegal?

– Todos os dias.

– A que horas parte?

– Não há horas de partida. É quando o mesmo estiver formado e tiver chegado a máquina do Senegal.

Depois de umas formalidades e ter distribuído dinheiro por vários funcionários, lá puseram o jeep em cima do comboio. Eram dez horas da manhã. Foi um dia de calor horrível. Cinquenta graus e nada de máquina. Todo o dia ao sol, à noite, nem forças nem vontade tínhamos de fazer o jantar. O chefe da estação não nos deixava ir para o hotel porque o comboio podia partir de um momento para o outro. Que grande aldrabão.

De madrugada, apareceu-me um cooperante da FAO, com um jeep Nissan que vinha do Senegal. Já para Bamako mas tinha resolvido pôr o jeep no comboio, porque dizia, nem ele, nem o carro aguentavam mais. Falámos da estrada. Afinal eu tinha-me metido na pista errada para Tambacuda. Devia ter seguido pela direita da linha e não pela esquerda. Na estação havia uma alpendre com um banco feito de dois carris. Aí passei a manhã deitado ou fazendo umas caminhadas até um vagão frigorífico que por ali estava abandonado. Desidratado pelo calor e pela diarreia estava a ver que me ia abaixo. O hospital mais próximo era numa missão protestante a uns trinta quilómetros. Pedi que me descarregassem o jeep. Disse-me

que não, porque o despacho já estava feito.

– Marido, tem calma! Já viste que se te dá alguma, o que será de mim sozinha no meio desta malta. Vou-te fazer um arroz só cozido em água e sal e vais ver que ficas melhor. De facto, assim aconteceu. Tinha chegado a máquina e por volta das quatro horas o comboio estava pronto para partir. Só que não partia. Fui à máquina saber o que se passava. O comboio não tinha travões. Eu e o chefe corremos o comboio de ponta a ponta por duas vezes para ver se algum tubo do vácuo não estaria desengatado. Estava tudo bem. A entrada do ar só podia ser na máquina. Lembrei-me que de manhã tinha estado a falar com um negro do Gabão que se dizia técnico de hidráulica. Veio meter conversa comigo porque soube que era português e ele tinha trabalhado com um tal Sr. Oliveira, empreiteiro português, radicado na terra dele. Fui procurá-lo ao mercado e com tanta sorte encontrei-o. Dirigiu-se à máquina e mandou logo retirar o capots laterais. Lá estava um tubo desligado com uma braçadeira que o segurava partida. Fui ao jeep buscar um arame que se torceu em volta do tubo e experimentaram-se os travões. O manómetro subiu logo ao máximo.

SENEGAL

Partimos e depois de dormir toda a noite embalado pelo andamento do comboio, às seis da manhã, chegávamos a Tambacunda. Estranhei não me terem deixado a plataforma encostada ao cais de desembarque. Fui ter com chefe da estação.

– Tem que pagar primeiro dois mil dólares. Escreveu ele com o dedo na areia. Que grande chantagista. Depois de muita discussão ficou assente: duzentos dólares, mas pagava ele aos homens que iriam



desamarrar as verguinhas de ferro que seguravam o veículo à plataforma. Quando vou para pôr o motor a trabalhar, o dínamo de arranque não funcionou. O tac-tac que este fazia, dizia-me que a bobine de chamada funcionava mas não dava passagem. Desapertei o cabo de passagem do negativo do chassi para o motor e, encostando-o com as mãos, fiz um arranque directo e o motor pegou logo. Dali à fronteira da Guiné era um salto: seiscientos quilómetros de asfalto.

GUINÉ-BISSAU

Às três da tarde, dá-se uma cena caricata com o chefe da alfândega da fronteira da Guiné-Bissau, só que agora em bom português. Mostro-lhe os documentos e diz-me ele:

– Falta aqui o boletim de importação temporária do veículo passado em Bissau.

– Isto tem que ser passado por si, porque o veículo veio por terra de Lisboa; disse-lhe eu.

– Os portugueses sempre gostaram muito de gozar connosco, mas não acha que a mim, já com estes cabelos brancos, o senhor não tem o direito de fazer isso. Mostrei-lhe os passaportes com os vistos de passagem nas alfândegas de outros países de África e lá se convenceu. Pensou um grande bocado e disse-me:

– Eu aqui não sei resolver esse problema. Quando chegar a Bafata dirija-se à alfândega e eles lá que resolvam. Pelo caminho, outra cena crítica com um polícia de trânsito, queria apreender os documentos todos, inclusive a carta de condução. Conte-lhe a mesma história; que ia visitar um filho, que nunca tinha tido problemas daquele género por toda a África e que só agora, que estava quase a chegar ao

destino, é que eles surgiam. Lá reconsiderou e mandou-me seguir. Eram quatro horas da tarde e estava em Bafata. Como se fosse um Domingo, tinha havido uma almoçarada com vários amigos, à base de perdizes e vinho do Dão. Fomos dar um passeio até ao rio Geba. Passei de barco, tomei banho e, numa esplanada à beira do rio, tomámos uns copos de cerveja e confraternizamos. Tinha terminado uma aventura que durara dez dias. Efectuámos nove mil e novecentos quilómetros no jeep, sendo mil perdido no Mali e novecentos em passeios na Guiné-Bissau.

Meu filho lá ficou com o veículo e nós oito dias depois tomávamos o avião da TAP para Lisboa.

Eu com menos seis quilos de peso e a minha mulher com menos quatro.

FIM

O ORGULHO DE UMA FAMÍLIA GABELENSE E A NOSSA HOMENAGEM...

O texto que reproduzimos foi-nos enviado pelos irmãos (irmãs) de Eugénio de Figueiredo Basto, falecido em 18 de Setembro de 1999, natural de Amboim/Gabela, onde nasceu a 18 de Abril de 1947. Teria 52 anos.

Eugénio Figueiredo é oriundo de uma das mais antigas e estimadas famílias radicadas na Gabela.

Quem não se lembrará do pai, António Augusto Figueiredo Basto, o "Bastinho", da Casa Carioca e da mãe D. Maria Amélia, a Senhora "Maria" e, da prole, cinco filhos, para além do Eugénio, o Emílio (Carioca), a Berta, a Teresa (Néné) e o Carlos, todos em Portugal, com excepção da Néné que vive na Suíça, de onde nos escreveu um lindo postal de agradecimento.

Achamos o artigo que foi enviado a nosso pedido, tão extenso e de tal nobreza, que

nada alteramos, reproduzindo-o apenas. É de facto uma maravilhosa manifestação de sentimentos fraternos, a que nos associamos comovidos.

O Eugénio estudou na Gabela, no Colégio Infante de Sagres, onde completou o 2º Ciclo dos Liceus (5º ano). Em Luanda fez o 3º Ciclo e estudou Engenharia Físico/Químicas, apenas o 1º ano da Universidade.

Regressou à Gabela onde leccionou na Escola Industrial e Comercial, D. António Barroso. Casou na Gabela com Elsa Teixeira Castro Nogueira, também professora na mesma Escola, de quem se separou, também falecida em 25 de Agosto de 1999.

Depois da independência, o Eugénio permaneceu em Angola, na Gabela, inicialmente ligada ao ensino, com a manutenção da Escola/Internato do Catofe, onde recolhia crianças desprotegidas num lar

que criou, onde permaneciam abrigadas e protegidas da guerra que, entretanto, se generalizou pelo País. Com os confrontos, o lar foi incendiado e, naturalmente, abandonado. Retirou-se para Luanda ocupando funções na Junta do Café e residindo no Cacuaco.

Vítima de doença grave, um cancro na laringe, de prolongado sofrimento, o Eugénio desloca-se a Portugal para tratamentos, onde faleceu e encontrou a última morada junto da família.

Esta a nossa singela e sentida homenagem, associando-nos à família, que a todos agradece as manifestações de pesar que lhes foram endereçadas pela perda do seu ente querido. Que o Eugénio descanse em Paz.

A Direcção

A ti Eugénio,

Quando comigo cantaste, naqueles tempos de menina, "Violetas imperiais, lindas, bonitas, banais", fizeste nascer em mim o gosto da poesia.

Hoje gostaria de fazer-te o mais belo poema que existisse, mas o melhor que da minha mão saísse não exprimiria nunca a inextinguível saudade que deixas no coração dos teus filhos, irmãos, sobrinhos, amigos...

A tua vida foi um mar de projectos, de sonhos, de intenções e de amor.

Habitamo-nos a amar-te não pelos teus actos (muitas vezes inacabados) mas, pela tua **Intenção**. Nela existia tudo e nela foste rei: de amor, de paz, de realização, não individual, diria mais universal.

Em ti aceitamos e aprendemos a diferença, quando, por exemplo, negaste o pão ao teu filho de sangue para em troca ajudares as crianças de

Angola.

Em ti admiramos a tua diplomacia, como quando reuniste os três dirigentes de partidos políticos opostos, com uma garrafa de gin, na nossa querida cidade da Gabela, para lhes fazeres entender não a razão das armas e do poder, mas sim a razão do amor por aquela cidade e a sua gente, isto só tu o sabias fazer!

Mais corajoso do que muitos pensariam aceitaste o sofrimento e a vida dignamente até ao fim. Possivelmente, mesmo aí sonhaste, e todos nós sabemos, do fundo do coração, que na paz de Deus o teu sonho se realizou.

Poderíamos fazer alguns agradecimentos, mas serão, talvez, as pessoas que com ele conviveram que se sentirão agradecidas por com ele terem aprendido. Aprendido a ajudarem-se mutuamente, a serem todos um só, porque para ele todos eram amigos, mesmo os que de amigos atitudes não tinham. Porque um amigo não se esquece de nós,

um amigo não nos abandona.

"Neste mundo vaidoso o amor é nada,
É um orgulho a mais, outra vaidade,
A coroa de louros desfolhada
Com que se espera a Imortalidade"

Este verso ilustra apenas alguns dos conceitos que me mostraste durante a tua vivência: o amor, a imortalidade. O amor pelos outros, a imortalidade do que fizeste pelos outros. Para mim foste o meu mestre, para ti o detentor da razão, mas sei que no fundo, tens o orgulho de não o ter sido em vão.

L'amour d'une soeur

Si la terre s'arrêtait de tourner

Si le soleil s'arrêtait de briller

Si les oiseaux s'arrêtaient de chanter

Si les rivières s'arrêtaient de couler..

Une chose ne pourrais jamais s'arrêter: c'est l'amour que ma mère te porte.

Laetitia Mury

POR TIMOR...

É inimaginável o sofrimento que foi provocado ao POVO timorense, de Timor Lorosae...

Incrível para ser verdade, impossível de acreditar que tais situações de horror possam acontecer actualmente...

Para além de despojados dos seus bens, que foram queimados, por incêndios provocados, depois de saqueados, o espectro da morte e do terror, pairou sobre cada um – homens, mulheres e crianças – não poupando, nem velhos, nem novos. Nada! Ninguém é poupado a este inqualificável massacre...

Só a fuga em debandada para as montanhas e o refúgio nas matas como bichos, salva as populações apavoradas, por atrocidades que foram cometidas, só porque votaram na liberdade para o seu povo, que vinha a ser martirizado e oprimido há vinte e cinco anos pelos invasores...

O genocídio que foi perpetrado é um crime, um holocausto, a eliminação de um povo, perante a passividade de povos que se intitulam civilizados, cuja inércia de decidir, permitiu a extermínio de um povo – homens, mulheres e crianças indefesos ou de quem os defendesse, cujo único pecado era a falta de recursos de um território pobre e humilhado, que suscitasse o engodo (cobiça) dos países ricos que controlam e repartem as riquezas do mundo.

Vale a este povo atrocidade a sua fé, que morre a rezar ou sobrevive com preces nas horas de aflição, olhos postos no céu, clamando a protecção do Senhor, mesmo



nos seus refúgios nas matas.

Bendito sejas Deus misericordioso, a quem pedimos o teu apoio e protecção para o Povo timorense, para que termine o seu padecimento e angustia e possa em breve recuperar a paz, na benção do Senhor e, possa reconstruir o seu País destruído e devastado pelos infiéis e bárbaros indonésios.

Permite Senhor que as crianças daquele

País sacrificado voltem a sorrir e que os homens e mulheres readquiram a esperança e mantenham a fé no futuro, vivendo-a em liberdade pela qual muitos sacrificaram a sua própria vida.

É O NOSSO SINCERO DESEJO.

A Direcção



DE NOVO E POR AÍ O FANTASMA DO ABORTO

Quando a questão do aborto foi, em referendo, posta à consideração da opinião e opção públicas, o que se pretendia era saber se aquele artigozito 140º do Código Penal que considera crime a prática do aborto levada a efeito por mulher grávida ou por terceiro com o seu consentimento e cuja violação determina a pena de prisão até três anos, deveria ou não continuar ali escarrapachado no citado diploma legal.

Era, afinal, só isso e nada mais.

E a questão é posta com toda a legitimidade porque aquilo que se entende verdadeiramente por crime, é a violação de comportamentos regulados pela lei que ofendam profundamente a consciência colectiva.

Não é, por certo, fugir aos impostos.

Fugir aos impostos só passou a ser formalmente crime - entre nós relativamente há muito pouco tempo e sem grande sucesso - por obra e graça de uns quantos iluminados que se esquecem que se os contribuintes, em Portugal, fogem aos impostos é porque são extorquidos com taxas elevadíssimas e porque uma deficientíssima, incapaz e cara máquina de fiscalização tributária, nada mais faz do que propiciar o jogo do gato e do rato no qual a regra é a Administração Fiscal procurar tirar o mais possível do contribuinte e este, legitimamente, procurar fugir o mais possível para que não lhe tirem o couro e o cabelo.

Quem consegue fugir aos impostos é esperto, diz-se por aí por tudo quanto é canto. É aplaudido pela generalidade dos nossos concidadãos, mesmo por aqueles que vão dizendo, farisaicamente, que não se deve fugir aos impostos. Sempre que para tal tenham oportunidade, são esses mesmos os primeiros a fazê-lo como é por demais consabido. Aliás, que o digam os politiquieiros da politiquice da nossa praça!

Crime é matar. É roubar, extorquir. É levantar falso testemunho e daí por diante.

Já nem é crime cobiçar a mulher alheia, como o era, por exemplo, no tempo de Camilo Castelo Branco e de Ana Plácido.

Ninguém fica indiferente quando alguém mata alguém; ninguém fica indiferente, ainda que não se manifeste, quando alguém rouba alguém; ninguém fica indiferente, ainda que não se manifeste, quando alguém levante falso testemunho contra alguém. É assim a consciência colectiva.

Ninguém, em termos de consciência colectiva, liga patavina quando alguém que é obrigado a entregar, periódica ou esporadicamente, aquelas "chatérrimas" declaraçõezitas nas Repartições de Finanças, deixa de o fazer de modo mais ou menos ostensivo; ninguém, em termos de consciência colectiva, liga patavina quando alguém vai por aí, em "brutos topo de gama", por essas estradas fora, com velocidades imparáveis; ninguém liga patavina, em termos de consciência colectiva, quando por todos esses lugarejos se fazem edificar, clandestinamente, prédios urbanos em ostensivo desrespeito pelas leis nacionais ou por meras posturas autárquicas.

Assim, também, ninguém, em termos de consciência colectiva - e a consciência colectiva não é a dos Senhores Padres, não senhor! - liga patavina quando a vizinha do lado, grávida, pratica aborto.

Ninguém, em termos de consciência colectiva, ao saber de notícia quejanda, vai a correr ao Posto da Polícia local ou aos Serviços do Ministério Público, denunciar a vizinha ou qualquer outra mulher. Em vez da censura, o que é normal em termos de consciência colectiva é dizer-se, por exemplo: coitada! Sabe-se lá, o que a levou a um tal extremo, com tanto sofrimento e risco da própria vida!?

Se só é, pois, crime a violação de comportamentos regulados pela lei que ofendam profundamente a consciência colectiva e se a prática de aborto por mulher grávida não é verdadeiramente censurável pela comunidade em geral, então a prática de aborto por mulher grávida não é, em termos substanciais, logicamente, crime.

Poderá ser tudo quanto se quiser. Na sua substancialidade, convertem-se em crime.

E se a prática de aborto por mulher grávida não é, em termos de substância, crime como se vem de demonstrar, então a sua previsão e estatuição não têm razão de estar para ali escarrapachadas no Código Penal, como, por exemplo, nunca tiveram razão de estar para ali escarrapachadas normas relacionadas com comportamentos fiscais e, como, também por exemplo, deixaram de estar para ali escarrapachadas normas estradas relacionadas com viação e trânsito de automóveis e velocípedes.

Tire-se, pois, do Código Penal essa enormidade que não é senão, em perspectiva sistemática, uma excrescência no ordenamento jurídico penal, como dele e, pela mesma razão, se retiraram as normas relacionadas com viação e trânsito de automóveis e velocípedes, sem embargo de igualmente se ter conferido a mesma sorte a tantas e tantas outras normas convertidas e muito bem em simples contra-ordenações.

E retirar-se essa excrescência do ordenamento jurídico penal português não é, nem de longe nem de perto, liberalizar o aborto.

Quando, entre nós, se discute a questão do aborto, o que se fez e se continua a fazer, é falaciar e tentar, através da manipulação, enganar a opinião pública.

Diz-se: querem liberalizar o aborto. Um feto, já é ser humano, já é gente. Até o embrião já o é. O embrião já é um bebé. Retirar o embrião do útero da mulher é, consequentemente, praticar homicídio. E quem pratica homicídio deve ir parar com os costados para unia cadeia porque a consciência colectiva assim o exige.

Saber se um feto ou até um simples embrião já é pessoa, já é gente, não é líquido, não é dado adquirido nos diferenciados quadrantes da opinião pública. É questão discutível.

E, na circunstância, responder à questão pela afirmativa como de modo tão simples e levemente se tem visto por aí, assim tão linear, tão singelamente, é afirmar preconceitos talvez por medo de qualquer coisa menos clara que se esconde. É tomar a nuvem por Juno.

Todavia, postulando pela negativa em sede de Direito, a questão é líquida, não merece qualquer tipo de discussão. Com efeito, o artigo 66º do Código Civil, logo no seu nº 1, é taxativo. Consagra sem margem para dúvidas que a personalidade, isto é, a qualidade de pessoa, adquire-se no momento do nascimento completo e com vida.

E no nº 2 diz-se: os direitos que a lei reconhece aos nascituros dependem do seu nascimento.

Tudo o resto é conversa.

E pior: confundir despenalização do aborto, isto é, retirar do Código Penal o tal artigozito que diz que é crime a prática do aborto e que a mulher grávida que o fizer deverá ir parar com os costados para a cadeia, como dizíamos, confundir despenalização do aborto com liberalização do aborto, isto é, liberdade pura e simples de cada um fazer o que lhe der na real gana acerca do aborto, é confundir alhos com bugalhos, é distorcer, malevolamente, os termos da discussão.

O poder dos média na opinião pública é, com as suas nobres e virtuosas verdades, mas também com as suas torpes e abjectas mentiras, hodiernamente evidente, insofismável.

Se não, veja-se a ocorrência mais candente devido à proximidade temporal e ao modo como se fez apelo à emoção das massas: Timor.

Os grandes meios de comunicação manipulam tudo e quase todos.

É preciso uma grande capacidade crítica para resistir minimamente à sua influência e manipulação, sobretudo no domínio político. E, pela ousadia do culto dessa mesma capacidade crítica, quantas vezes se é votado ao ostracismo, triturado, cilindrado pura e simplesmente!

A partir dos órgãos sensitivos, constroem-se ideias. Com os termos exprimem-se, verbalmente, as ideias construídas.

Com as ideias constroem-se juízos. Com as proposições ou orações exprimem-se, verbalmente, os juízos construídos.

Com os juízos constroem-se raciocínios. Com os argumentos exprimem-se, verbalmente, os raciocínios construídos.

Todas essas construções mentais e as respectivas expressões verbais obedecem a regras rigorosas que devem ser seriamente vigiadas para que se saiba quando se está em



Maternidade

presença de uma verdade ou em presença de uma falsidade quiçá voluntária ou involuntária na forma, respectivamente, de sofisma ou de paralogismo.

Se essa vigilância for minimamente descurada, corre-se o risco de se ser apanhado pelos vícios de construção das ideias, pelos vícios de construção dos juízos e, decorrentemente, pelos vícios de construção do raciocínio, tantas e tantas vezes urdidos, maquiavelicamente, pelos fazedores da opinião pública.

A verdadeira mensagem acerca da discussão da despenalização do aborto tem passado despercebida à generalidade das pessoas que têm a desdita de acreditar em tudo quanto ouvem e lhes dizem, à generalidade dos receptores que, pela sua ingenuidade, não atinam com o uso e abuso de uma das mais hediondas falácias urdidas pelos emissores, urdidas pelos fazedores da opinião pública através dos grandes meios de comunicação, designadamente a televisão.

Se prestarmos a devida atenção aos ditos fazedores da opinião pública,

logo nos aperceberemos em que consiste o tipo de falácia mais usado pelos politiqueros, o sofisma com que enganam os incautos e os menos atentos a estas coisas.

Na politiquice, que se deverá distinguir da política, os politiqueros, que se deverão distinguir dos políticos, mentem despuadoradamente e, para quem os entenda, fazem-no até apalhadada e ridiculamente.

Contra muita dessa gentinha ou gentalha temos de nos acautelar.

A cada passo usam e abusam da falácia designada por sofisma da ignorância da questão, aquele mesmo sofisma, afinal, que, na discussão do aborto, foi erguida até ao paroxismo como bandeira dos que se opunham e se opõem à despenalização do mesmo.

E o que então fizeram e fazem os farisaicos é tão simples quanto isto

Afastar a questão que importa discutir, ou seja, a questão principal, relevando outra ou outras com as quais aquela se possa confundir. Depois, enfatizando a questão ou questões secundárias pela repetição, batendo sempre e sempre na mesma tecla, levar a que a questão principal se dilua e perca os contornos que a individualizam de tal modo que se tome possível tirar, a partir das proposições secundárias, uma conclusão que contradiga a proposição verdadeiramente em causa.

Por outras palavras e no dizer de Anthony Weston no livro "Arte de Argumentar", pags. 112, edição da "Gradiva - Publicações, Lda.":

"Introduzir um assunto irrelevante ou secundário, desviando assim a atenção do assunto principal. Em geral, para desviar a atenção usa-se um assunto acerca do qual as pessoas têm opiniões fortes para que assim não se note que a atenção está a ser desviada."

O regresso dos gabelenses a África

IRMÃOS CASTRO INVESTEM EM CABO VERDE



António e Luís Castro regressaram a África para abrir uma fábrica de confecções em Cabo Verde. Desde Agosto último que a "Socoina" labora na Cidade da Praia, dando emprego a 75 cabo-verdianos, satisfeitos por verem na Ilha de Santiago o investimento de 278 mil contos da Sociedade Comercial e Industrial de Aveiro.

A "Socoina" fabrica nesta fase inicial calças de ganga, estando toda a produção actual a ser exportada para a Alemanha. A qualidade tem sido uma das preocupações de António e Luís Castro que apostam na formação profissional

dos trabalhadores africanos, que em grupos têm aprendido no Norte de Portugal, onde estão localizadas as principais empresas nacionais do sector.

Os irmãos Castro não escondem a satisfação pelo êxito do projecto, pensando desde já em novos desafios. Para além de aumentar a capacidade de produção, com o conseqüente emprego de mais mão de obra cabo-verdiana, a "Socoina" quer entrar no mercado inglês, estando nesta altura na Cidade do Sal uma estilista britânica a preparar uma nova colecção

para ser comercializada na Grã-Bretanha.

Outra pretensão é juntar aos "jeans" novos tecidos, como a sarja. "O futuro passa por diversificar a oferta", defendem estes gabelenses que moram em Aveiro.